

A luva sem par

Se as mesas das janelas estão ocupadas procura sentar-se numa das mais próximas das janelas, numa cadeira virada para as janelas. Se todas elas estiverem ocupadas sai, dá uma volta devagar a toda a volta da rotunda e regressa mais tarde. Ou então entra no supermercado, faz as compras que tem a fazer e vai para casa. Não tem pressa em ver Ingmar. Basta-lhe a possibilidade de o ver. O melhor talvez seja mesmo nunca o chegar a ver, que nunca se realize essa possibilidade, que ela fique para sempre onde moram os sonhos. Por isso vem todos os dias aqui, à Oskars Konditoriet, a uma dúzia de metros de Karlaplan, nesta cidade feita de ilhas.

Lá fora estão menos dez graus e a cidade asfixiada pela neve.

Tem a cabeça cheia de frases. Joga com as frases como quem joga com pedras. Não diz nenhuma. Não escreve nenhuma. “Estou a tornar-me invisível e não posso salvar ninguém”. “Como poderei encontrar-me e ter a certeza de que sou eu?”. “Chegará o dia em que se possa explicar o amor?”. Parecem-lhe inúteis as frases.

Entretanto repara numa rapariga do outro lado da sala com uma rosa vermelha no cabelo e dois pacotes de cigarros em cima da mesa. A rapariga bebe chocolate quente e fuma como se estivesse à espera de alguém que demora em chegar. Ao olhá-la assim intensamente sente um peso por cima do coração, a angústia dela, a dúvida dela. Lembra-se de ter sido assim, de rosas vermelhas deitadas ao chão. E, de repente, tudo se transforma num quadro, só que em movimento lento, numa mesma expectativa. A rapariga com a rosa vermelha no cabelo agarra nos dois pacotes de cigarros, levanta-se, veste o casaco comprido, põe o cachecol, calça as luvas e parte.

Não lhe foi difícil saber que Ingmar vive ali. Soube-o quase logo. Na lista telefónica só constam duas pessoas com o mesmo nome. Tinha também lido que Ingmar escolhera viver num apartamento do novo edifício que construíram no exacto local onde antes vivera Strindberg. Um crime terem deixado destruir a casa onde viveu aquele génio, responderam-lhe uma vez quando quis ter a certeza. E depois o senhorio. O senhorio da casa onde ela vive já viu Ingmar duas vezes por ali. Uma delas quase o ia atropelando com a bicicleta. O senhorio disse-lhe que Ingmar estava com ar de velho, que tremia, que todo o seu corpo tremia como acontece aos velhos. Não lhe foi, portanto, difícil saber que Ingmar vive num apartamento do número 10 de Karlaplan, uma zona nobre da cidade, quando não está na casa que tem numa das ilhas do arquipélago. Vinte e sete mil ilhas, leu em vários sítios, embora sempre lhe parecesse um exagero.

Ela vinha de bicicleta até lhe roubarem a bicicleta. Achou estranho terem-lhe roubado a bicicleta. Agora vem a pé ou de autocarro. Não pretende ter outra bicicleta. Gostava mais da sua.

A besta, o demónio ou a noite, é assim que ela chama a uma tristeza muito funda como se tivesse a dor do mundo dentro de si, anda por agora adormecida. Mas ela sabe que está dentro dela, que se alimenta dela naquele silencioso sossego. Mais tarde ou mais cedo voltará, maior que nunca. Talvez então já tenha encontrado Ingmar, dito o que lhe tem a dizer, feito o que tem a fazer. Talvez então já saiba o que a trouxe até ali. Mas quando pensa nisso fica confusa. Quando Ingmar descer do seu apartamento e passar diante de uma das janelas da Oskars Konditoriet, se por acaso Ingmar, ele próprio, entrar na Oskars Konditoriet, o que fará ela exactamente? Pensa nisso sem pretender chegar a qualquer conclusão. Podem acontecer muitas coisas, diz para si, e pode não acontecer nada. Como dizer, sem o trair, o amor que se sente por uma pessoa?

Nem era preciso que fosse Ingmar. Primeiro foi um passatempo com qualquer coisa de engraçado e infantil. Agora é quase uma peregrinação, uma cerimónia, uma necessidade. Ao ponto a que as coisa chegaram dentro de mim, um fantasma é suficiente para me orientar os dias, pensa ela. E também não é que venha sempre. Por vezes, como ontem, uma tempestade de neve impediu que viesse. Uma tempestade de neve faz muito medo. O vento a soprar com força por dentro da chaminé do quarto, a neve a desenhar o vento na noite. Ou então vai para um lado completamente diferente da cidade atravessando as pontes que unem as ilhas como peças de um puzzle.

Ontem ficou sentada no banco de cozinha a ver crianças a brincarem na neve. Duas tinham trenós com volantes vermelhos. Subiam e desciam uma pequena montanha de neve. Eram quatro da tarde, fazia noite. Do chão vinha um halo azulado onde pequenas estrelas se acendiam e se apagavam. Em redor das ilhas patos persistiam em nadar por entre o gelo de um mar escuro, sem onda alguma. O senhorio chegou cedo. Convidou-a para jantar. Fez uma espécie de sopa de peixe que comeram frente a frente com duas velas acesas no bordo da janela. Trocaram algumas palavras. E depois ele lavou a loiça impecavelmente e foi deitar-se. Ela admira a maneira como o senhorio enxuga a louça, colhendo depois qualquer gota de água que tenha caído sobre o lava-loiças. O senhorio tanto lhe parece um cão como um ser humano. Hesita. Será melhor ser um cão ou um humano?

A princípio foi difícil habituar-se às horas. Julgar que são meia noite e descobrir que são sete da tarde. Arranjar alguma coisa para fazer. Cozer as bainhas de umas calças.

Ingmar é um qualquer. Um pretexto que a faz sonhar, levantar-se, pôr os chinelos, beber chá e comer torradas com manteiga e mel. Não foi por Ingmar que veio. Ingmar pode morrer de um dia para o outro. Logo o saberia através do jornal que o senhorio deixa na mesa da cozinha. Deixa-o lá todos os dias de manhã. Ele sai muito cedo. Ela não sabe o que ele faz. Ela não consegue decifrar aquela língua. Mas o jornal traz fotografias. Ela fica a olhar para as fotografias e escolhe uma ou outra que a acompanha durante o dia. Fotografias do horror do mundo. Da guerra. Da catástrofe. Numa delas uma família foge depois de ter assaltado um supermercado. O homem leva uma parte de um animal ensanguentado debaixo do braço. Olha para a câmara com um ar enraivecido. Uma mulher e duas crianças seguem-no.

Ela aprecia e admira a civilização daquele povo. O silêncio, o arrumo, a educação nas pequenas coisas. Por vezes vai a uma sauna na parte velha da cidade. Gosta de ficar a olhar as formas das pessoas a desfazerem-se por entre o espesso vapor de água, como uma miragem, e o som do chapinhar na água da piscina. Alguns velhos jogam xadrez a um canto. Outros falam muito baixo aquela língua cantada, incompreensível. Raramente se sente sozinha. A meio da tarde adormece uns minutos e depois escreve uma carta ou abre um livro que lê demasiado devagar e sublinha com um lápis azul e espera que o dia passe para que no outro dia possa ir esperar Ingmar, Ingmar Bergman. Difícil dizer porquê. Desde sempre. Perguntar-lhe se acredita no amor? O que é o amor?

Depois regressará ao sul, a casa.

Texto originalmente publicado em Asfixia, Quetzal editores, 2006.